

Respostas ao Questionário para Encontro de Avaliação 2004.

1. A influência do Objectivo Geral e dos Objectivos específicos na programação e actuação pastoral da nossa Paróquia vem de longe.

De facto estamos desde sempre empenhados em construir “Pequenas comunidades vivas”: “pequenas” porque os números são por si próprios reduzidos e o crescimento é vagaroso, sendo que caminho para a iniciação cristã leva não pouco tempo: privilegiamos a qualidade mais do que a quantidade; “vivas” porque tentamos desde sempre fazer com que sejam comunidades que testemunham, anunciam e transformam o meio em que vivem.

De facto estamos vendo nestes últimos anos os primeiros frutos desta longa caminhada: está acontecendo que camadas sociais, outrora hostis ao caminho cristão, vão depositando sua confiança nas próprias comunidades cristãs e colaboram nas iniciativas que estas tomam para melhorar a vida deste meio.

Outro factor de experiência: as últimas famílias baptizadas, nesta festa de Pentecostes, agradeceram suas comunidades por como as acompanharam ao longo dos anos da sua caminhada catecumenal, quando também intervieram, nuns casos, para adiar a própria recepção dos sacramentos.

O processo de inculturação é o que mais tempo leva para ser “implementado”: aliás é por si um processo que nunca acabará (ver a experiência da Europa, que precisa de outra “inculturação” e de “nova evangelização” devido ao divórcio entre Evangelho e cultura já denunciado por Paulo VI).

Para este trabalho na paróquia ainda não temos uma comissão específica: estão envolvidos nele mais ou menos todos os cristãos adultos (acima dos 40/50 anos na sua maioria são analfabetos). É que são mesmo eles os que mais conhecem sua cultura, mas torna-se difícil fazer com que participem fructuosamente em reuniões que se fazem em cima de papeis escritos, como aliás é bem fazer com pessoas que têm condições.

Pelo que estamos envolvendo todas as comunidades e as comunidades todas, sendo que o passo se torna forçosamente muito vagaroso.

Estão aparecendo resultados digamos “de retorno” na linguagem usada para falarmos na realidade cristã e nas orações espontâneas; menos nos gestos litúrgicos, a respeito dos quais vamos muitíssimo devagar: há diferenças enormes com outras etnias da Guiné, como aliás há diferenças entre tabancas da mesma etnia e a confusão seria muito fácil.

O objectivo específico nº 3 que diz respeito à formação: estamos vivendo um bocado apoiados na formações feitas em precedência, quando havia mais condições para tais formações poderem ser realizadas. Nestes últimos 3/4 anos os encontros específicos para formação de catequistas e demais agentes da pastoral (animadores de comunidades iniciais, animadores familiares, animadores vocacionais, animadores da Cáritas etc.) não foram muitos, para umas categorias até quase nulos; intensa é a formação a nível de toda a comunidade, que vem normalmente envolvida nas decisões a tomar.

O quarto objectivo específico toca na pastoral familiar.

Para nós é a base e o suporte de toda a pastoral da nossa paróquia. Isso depende também de factores culturais. Nestes últimos anos estamos tentando fazer com que as famílias constituam e transmitam uma “cultura cristã”, que não prescinde da sua cultura (felup), mas que a integra, a desenvolve e a faz “desembocar” no Evangelho, em que encontra aquilo que almejava e muito mais ainda. Uma coisa prática: desde anos estamos insistindo para que quando toca o “bombolon” para chamar o povo a determinadas cerimónias, os pais “catequize” os filhos a respeito das crenças específicas e ritos relativos, ilustrando depois como, no caminho cristão, encontramos aquilo que nossos irmãos ainda procuram, e muito mais até, em Cristo que veio ao nosso encontro e no qual “habita corporalmente toda a plenitude”. Consta que, aos poucos, a coisa começou e está continuando.

Neste último ano os casais cristãos estão pesquisando como ajudar a juventude a se preparar à vida: foram rever as várias instituições culturais ligadas ao matrimónio na tradição felup (tradições que na sua maioria desmoronaram), para ver o que se pode “reconstruir” em sentido cristão (como preparação específica ao sacramento) e até propor também aos outros quanto aos valores que podem

ser “recuperados”. O que posso testemunhar è que as famílias tomaram a peito o argumento e estão trabalhando: naturalmente os ritmos não são apertados.

Quanto acabo de dizer reflecte-se na pastoral da juventude e adolescência. Desde 1997, quando foi aberto o Liceu em S.Domingos, temos mais presença de jovens na própria paróquia e então se consegue fazer algo mais.

\*\*Mas neste, como em todos os outros ítems, há umas dificuldades quanto ao desenvolvimento das actividades, dificuldades que provêm da própria conformação da paróquia: cada um dos grupos ou comissões existe a nível de cada comunidade; o que quer dizer que uma reunião ou è feita em fases sucessivas, deslocando-se o padre ou o coordenador a cada uma das comunidades, ou se traduz em dezena e mais de quilómetros a pé por um certo número de participantes, apesar de nós darmos um jeito com as viaturas.... Atendendo aos vários períodos do ano as situações e os horários mudam radicalmente. Acontece que de Agosto a Janeiro as pessoas, em particular os adultos, só se podem encontrar à noite: o que quer dizer que quem se desloca a certas comunidades deve lá ficar até o dia seguinte...Não há quem não veja que os ritmos e os tempos se tornam necessariamente longos....

O diálogo por enquanto è o dos trabalhos feitos em conjunto quando necessário. A coisa começou a andar, em certos casos sem intervenção directa do pessoal missionário. È esperar que continue.

Quanto ao número 2. A divulgação dos subsídios: nós temos normalmente cada semana um encontro de catequese por cada comunidade. Quando necessário dedica-se o tempo a explicar algum ponto do que vem nos subsídios. A maioria dos adultos è analfabeta e a linguagem dos subsídios não è, normalmente, de compreensão muito fácil.

3. O primeiro impacto è que nas orações dos fiéis aparecem intenções mais abertas, que abrangem a Igreja da Guiné, que fazem referência a acontecimentos, problemas, perspectivas da Diocese ou das Dioceses.

Outro è que a nível de comunidades há uma certa esperança que procedimentos pastorais, que aqui são julgados “apressados” e que nos criam objectivamente dificuldades, sejam revistos tendo mais em conta a realidade concreta e diferente das várias comunidades.

Um terceiro è que normalmente conseguimos encontrar com certa facilidade pessoas que se deslocam para participar a encontros de pastoral a nível de Sector ou de Diocese representando a nossa comunidade, apesar das dificuldades de deslocação, de tempo e de compreensão da língua diferente. O que dá a ver que há uma certa consciência “eclesial” que está crescendo.

4. Perspectivas para o próximo ano pastoral.

Sinceramente não saberia o que dizer de novo. Temos não poucas dificuldades em fazer frente ao trabalho normal e local. Sonharia com comunicações mais fáceis, mas a realidade “acordada” continua a ser a mesma, deste lado do rio Cacheu. Para nós três dias de reunião a Bissau se traduzem em cinco dias fora da missão e uma manhã de reunião a nível de Sector quer dizer um dia inteiro no caminho, às vezes para hora e meia de reunião (deslocando cinco e mais pessoas e, às vezes, mais do que uma viatura: nem pensar em transportes públicos...). Não há quem não veja que o investimento è pelo menos ... pouco económico.

Contudo continuamos a crêr que val a pena de caminhar para uma pastoral de conjunto. Por nossa vez pedimos também um pouco de compreensão.

Pe. Zé